

PRÁTICAS DISCURSIVAS E RELAÇÕES AFETIVAS NA CONTEMPORANEIDADE: O CASO DOS VERBOS FICAR E NAMORAR NO CONTEXTO DO VESTIBULAR DA UFRN

ARAÚJO, Kassios Cley Costa de
kassiosaraujo@hotmail.com
Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN)

1 Introdução

Que sentidos emergem em enunciados produzidos em situação de vestibular? Que valores atravessam esses sentidos? Como se dá o processo do significar? Que vozes ecoam nesses enunciados? A quem elas respondem?

Essas indagações constituem o cerne sobre o qual trata esta dissertação, cujo objeto de estudo são os verbos *ficar* e *namorar* enquanto expressão de relações afetivas na contemporaneidade, em textos produzidos nas redações do vestibular 2005 da UFRN. É objetivo deste artigo identificar e descrever os sentidos e valores atribuídos às vozes presentes nos usos dos verbos *ficar* e *namorar* em esferas de circulação discursivas institucionalizadas.

No mundo contemporâneo, marcado por relações fluidas, não sólidas (BAUMAN, 2001), muito se discute sobre aspectos do comportamento social, principalmente no que tange a questões de relações afetivas. Interessamo-nos, portanto, trabalhar com essa temática, por ser uma proposta extremamente instigante no campo da linguagem e das práticas sociais, uma vez que faz uso da linguagem em uma situação real, num contexto institucional em que os sujeitos envolvidos no processo de produção textual são representantes dos diversos pontos de vista que circulam na sociedade.

Para tanto, adotamos uma concepção de linguagem como prática discursiva, que leva em conta os sujeitos envolvidos, a situação sócio-discursiva, as posições axiológicas desses sujeitos, rompendo, assim, com toda uma tradição dos estudos da linguagem que dispensam os sujeitos e a historicidade dos eventos comunicativos. Dessa forma, deslocamos o foco da estrutura da língua, ou seja, de seus aspectos formais, para o do enunciado no qual se levará em conta a discursividade.

Ao assumir esse posicionamento, cujo foco tem no enunciado o seu protagonista, buscamos mostrar que todo texto se configura como um evento, um acontecimento, em que se reúnem sujeitos em posições axiológicas, numa heteroglossia dialogizada e que faz emergir sentidos e valores (BAKHTIN, 2003).

A discussão acadêmica que envolve questões de significação é uma das mais problemáticas na Linguística (VOLOSHINOV, 1995). Pensar o signo numa perspectiva ampla que extrapole seus próprios limites de sentido e reflita seu caráter ideológico, não se restringindo apenas ao domínio lingüístico, mas que se espraie ao domínio discursivo e, conseqüentemente a vida é o que revela a preocupação dos autores do Círculo de Bakhtin em lidar com essa questão. Nesse sentido, a discussão em torno desse tema ganhou relevância tanto nos postulados teóricos quanto nas preocupações em se verificar como se dá esse processo numa situação de contexto social. Além disso, os estudos hoje sobre ensino da língua materna apontam para a necessidade de que sejam explorados, ao nível do ensino médio, conforme Parâmetros Curriculares Nacionais do Ensino Médio (PCNEM), a questão da discursividade da língua em práticas sociais.

Para Oliveira (2002), deve-se pensar a linguagem na perspectiva de uma prática social, na qual, o discurso, moldado pelas relações de poder e ideologias, apresenta-se como processos

de significação, manifestação de pontos de vista, de subjetividades, provocando efeitos nas construções identitárias. Sendo assim, deve-se pensar uma concepção de linguagem, portanto, para além das relações que se estabelecem nos limites da língua, condensando a idéia básica de que todo fato de significação é resultado de um trabalho social, realizado por sujeitos ativos no processo de interação/troca/comunicação verbal, fazendo emergir signos portadores de valores sociais, definidos a partir do horizonte social de sua época e pelas formas das relações sociais nas quais se constroem.

Esse discurso é validado tomando como base os pressupostos teóricos do Círculo de Bakhtin que concebem a linguagem como uma atividade cognitiva, cuja orientação se dá na esfera da comunicação, manifesta na pluralidade lingüística, em que a língua não mais é concebida como forma apenas. Essa orientação focada no universo sógnico verbal, determina, portanto, o estabelecimento da relação de uma língua real, utilizada em contextos reais por e para falantes reais o que, no dizer de Oliveira (2002), incorpora ao ensino e aprendizagem da língua materna, questões relacionadas ao sujeito do discurso, passando portanto pelas noções de valor, das vozes sociais e suas relações dialógicas.

Conforme Bakhtin (1992), deve-se estudar e compreender os aspectos e formas de relação dialógica entre enunciados, formatados em diversos gêneros discursivos, plenos de orientações apreciativas, juízos de valor, em síntese, elementos que, embora alheios ao sistema lingüístico, remetem para o próprio funcionamento do enunciado, no qual se fazem ressoar vozes, algumas vezes longínquas e até imperceptíveis, entre as quais distribuem-se os sentidos. Vozes compreendidas como manifestação de consciências que dialogam, debatem, concordam, discordam, silenciam a voz do outro ou a si próprio, expressando valores, plurais ou não, personificação de diferentes sujeitos, de diferentes visões de mundo. A esse respeito, Oliveira (2002, p. 8) diz:

É nas relações dialógicas, portanto, que se pressupõem sujeitos, ainda que seja difícil reconhecê-los, face à sua não concretude imediata, e que vão desde aquelas mais simples, como a polêmica, a paródia, até aquelas que vão permitir e possibilitar ultrapassar, no ensino da língua, o nível da organização do texto, penetrando no campo das significações, dos valores, da subjetividade, enfim, da linguagem concebida como uma prática discursiva.

Portanto, dentro desse pensamento é que se pode analisar textos como enunciados, no sentido bakhtiniano, permitindo, assim, distinguir, entre textos aparentemente semelhantes, a singularidade de cada um deles e as tomadas de posição desses sujeitos.

2 Um olhar bakhtiniano sobre os processos de significação

Pensar a linguagem é (re)pensar os processos de significação e, dessa forma, refletir sobre uma questão muito peculiar: não existe nada no mundo que não tenha significação, que não faça sentido, que não seja atravessado por valores. Mas como essa questão é vista pela Linguística? Que caminhos nos levam a esse plural conceito, ou ainda, o que converge nessa direção a fim de traçar um panorama que esclareça ou que delimite – se é que pode haver limites para isso – uma das questões que nos propomos a discutir aqui: a significação?

Diversas áreas situadas nos estudos da linguagem têm se debruçado sobre essa questão, o que tem conduzido a inúmeras divergências e convergências no tocante ao problema da significação no âmbito de algumas correntes semânticas e pragmáticas. A Semântica destaca-se

em um contexto em que seu objeto de estudo “parece” ser o significado, ainda assim, essa área ocupa-se de um grande desafio: afinal, qual é o significado do significado? Nesse sentido, surge um dissenso entre os semanticistas quanto a essa questão, pelo fato de que esse termo leva a inúmeras possibilidades de “descrever situações de fala muito diferentes” (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 17).

Situações que englobam em cada cena enunciativa, por exemplo, significados plurais como os de certas atitudes humanas, significados de coisas concretas, do modo de pensar de cada um, enfim, o significado de um gesto, de uma palavra, de um enunciado, torna quase impossível chegar-se a uma definição singular dessa categoria por sua natureza eminentemente plural.

Por estar fortemente ligado ao conhecimento, o significado passa a ser descrito de várias maneiras, impulsionando, assim, o surgimento de diversas correntes semânticas, as quais buscam, na relação entre mundo e linguagem, os modos de articulação dessa categoria. Sendo assim, “Há várias semânticas. Cada uma elege sua noção particular de significado, responde diferentemente à questão da relação linguagem e mundo e constitui, até certo ponto, um modelo fechado, incomunicável com outros” (PIRES DE OLIVEIRA, 1999, p. 18).

Portanto, para a Linguística contemporânea, os semanticistas não chegaram a um consenso em relação à problemática do significado, tampouco a modelos para descrevê-lo, o que não representa um retrocesso, mas sim uma pluralidade de compreensões uma vez que os problemas que surgem para determinada corrente, muitas vezes não se apresentam como tal para outras e, dessa forma, uma ou outra corrente acaba dando conta da categoria por um determinado viés.

Em relação à pesquisa que relatamos, a pretensão é trabalhar com os conceitos de enunciador, enunciado e sujeito do discurso, na perspectiva das teorias enunciativas e discursivas. Para a Linguística da enunciação, por exemplo, na visão benvenistiana, a língua é transformada em discurso no momento em que ocorre o fenômeno da enunciação, ou seja, quando interagem o enunciador (locutário) e o interlocutor (alocutário). Portanto, o discurso é questão central nesse postulado teórico, bem como a atividade do sujeito sendo por esse percurso que o sujeito se constitui como tal. Desse ponto de vista, Possenti (1988, p. 49) conclui:

[...] o objeto desse novo modo de abordagem dos fenômenos linguísticos é o discurso, entendido como colocação em funcionamento dos recursos expressivos de uma língua com certa finalidade, atividade que sempre se dá numa instância concreta e entre um locutor e um alocutário. Não se trata, pois, apenas, de estabelecer relações entre formas, mas de descobrir por quais procedimentos (entre os quais as regras gramaticais, mas não só) se dá a atividade discursiva.

Em acordo, pois, com o que afirma Possenti (1998), a pesquisa que vamos relatar insere-se no campo do discurso, assim sendo, o objeto de estudo desta dissertação são os verbos *ficar* e *namorar* enquanto expressão de relações afetivas na contemporaneidade, em textos produzidos nas redações do Vestibular 2005 da UFRN. Por conseguinte, identificar e descrever os sentidos e valores atribuídos às vozes presentes nos usos dos verbos *ficar* e *namorar* em esferas de circulação discursivas institucionalizadas é o objetivo deste trabalho.

No mundo contemporâneo, marcado por relações fluidas, não sólidas (BAUMAN, 2001), muito se discute sobre aspectos do comportamento social, principalmente no que tange a questões relacionadas às relações afetivas, principalmente entre os adolescentes.

Interessamo-nos, portanto, em trabalhar com essa temática, por ser uma proposta extremamente instigante no campo da linguagem e das práticas sociais, uma vez que faz uso da linguagem em uma situação real, em um contexto institucional em que os sujeitos envolvidos no

processo de produção textual são representantes dos diversos pontos de vista que circulam na sociedade.

Para tanto, adotamos uma concepção de linguagem como prática discursiva, que leva em conta os sujeitos envolvidos, a situação sociodiscursiva, as posições axiológicas desses sujeitos, rompendo, assim, com toda uma tradição dos estudos da linguagem que dispensam os sujeitos e a historicidade dos eventos comunicativos. Dessa forma, deslocamos o foco da estrutura da língua, ou seja, de seus aspectos formais, para o do enunciado, no qual se levará em conta a discursividade.

Ao assumir esse posicionamento, cujo foco tem no enunciado o seu protagonista, buscamos mostrar que todo texto configura-se como um evento, um acontecimento, em que se reúnem sujeitos em posições axiológicas, numa heteroglossia dialogizada e que faz emergir sentidos e valores (BAKHTIN, 2009).

3 A fluidez e as mudanças nas relações afetivas contemporâneas

A modernidade fluida provocou uma profunda mudança na ordem mundial. Ser moderno significa estar em constante movimento, estar a frente de seu tempo, buscar uma não identidade a fim de tornar-se um sujeito múltiplo, plurissignificativo. E, a principal ferramenta para esse novo momento, em que as palavras de ordem são poder e dominação, é o acesso aos meios tecnológicos, cuja velocidade é fundamental na conquista do espaço. Assim, essas categorias ganham significativa relevância por serem determinantes na caracterização da vida moderna.

Nessa modernidade, o espaço é o lugar de encontros fugidios que não favorecem a interação, mas respondem a um apelo social de pertencimento a uma determinada comunidade. Assim, apesar de diversos em suas características físicas, igualam-se no apelo ao consumo a que se destinam, sejam de quais ordens forem essas formas de consumo. Esses espaços urbanos ‘públicos-mas-não-civis’, chamados de êmicos, fágicos, vazios, “desencorajam a idéia de ‘estabelecer-se’, tornando a colonização ou domesticação do espaço quase impossível” Bauman (2001, p. 119).

A presença dos indivíduos nesses espaços transitórios é de natureza puramente física, não interessando, portanto, suas subjetividades. A principal característica desses ‘não-lugares’ é a conduta dos transeuntes, que devem manter um comportamento universal que seja compreendido e aceito mutuamente, independente do idioma que fale. Como encontrar sentido, então, nesses não-lugares que hoje ocupam tanto espaço na modernidade? Para responder a essa indagação, Bauman(2001, p.120), nos esclarece que:

Os espaços vazios são antes de mais nada vazios de significado. Não que sejam sem significados porque são vazios: é porque não têm significado, nem se acredita que se possam tê-lo, que são vistos como vazios (melhor seria dizer não-vistos). Nesses lugares que resistem ao significado, a questão de negociar diferenças nunca surge: não há com quem negociá-la.

Quando se discutem relacionamentos afetivos na contemporaneidade, percebemos que há um choque de cultura entre o que se entendia por relações afetivas nas gerações passadas e as que estão postas na sociedade atual. Esse choque é emblemático porque expõe um traço revelador que caracteriza a sociedade contemporânea: a fluidez das relações afetivas. Essa idéia de fluidez foi amplamente difundida pelo sociólogo polonês Zygmunt Bauman em seu livro *Modernidade*

Líquida, no qual, de forma contundente, nos apresenta um panorama, não muito otimista, de como as transformações sociais convergem para a formação de uma nova sociedade, cujas alterações de toda ordem se dão em todas as esferas, sejam elas de natureza trabalhista, institucional, da vida pública ou privada, do estado, do sujeito e suas relações humanas.

Bauman (2001), ao tratar desse fenômeno social, constrói uma metáfora lancinante e, não menos factual, do derretimento dos sólidos, ou seja, da liquefação das instituições sociais sólidas em toda sua magnitude, sejam elas as da instituição familiar, das relações de trabalho, da vida pública e privada, entre tantas outras, historicamente e culturalmente cristalizadas na nossa sociedade, que surgem ganhando outras nuances, outras formas, outros contornos, numa grande velocidade em que, disformes pelo fenômeno da liquefação, procuram “encontrar o nicho apropriado e ali se acomodar e adaptar: seguindo fielmente as regras e modos de conduta identificados como corretos e apropriados para aquele lugar” (BAUMAN, 2001, p. 13).

Em consequência dessas transformações sociais, na atual sociedade liquefeita entra em cena a dissolução dos laços sociais afetivos, que constituem o cerne dessa problemática e que determina as novas formas de expressão das relações afetivas. Se o advento da “modernidade líquida” trouxe em seu bojo um momento novo em que o desapareço, o descompromisso sugerem uma certa liberdade, em contra-partida revela a sensação de individualização, estabelecida entre os sujeitos envolvidos nesse processo que elimina a estrutura macrossocial em detrimento de um convívio social individualizado, fragmentado, fluido.

A própria categoria denominada “indivíduo” é uma constatação feita a partir das reflexões que surgem do crescente processo de individualização social, amplamente discutido e teorizado por Bauman (2001). Esse processo de individualização social, ao mesmo tempo que desconstrói instituições sólidas, como, por exemplo, o modelo prototípico da família tradicional, faz surgir, por outro lado e, como consequência desse novo momento, novas redes de pertencimento, em que o indivíduo passa a ser constituído por outras subjetividades.

Nessa perspectiva, uma nova cultura aponta e passa a determinar novos comportamentos: o *eu* passa a determinar culturalmente o que antes era protagonizado pelo *nós* e, assim, os sujeitos desse processo passam a ter relacionamentos em que predominam laços mais frágeis em que podem ser desfeitos a qualquer momento e, em qualquer situação que possa desagradar quaisquer das partes envolvidas.

Assim, há um processo de privatização das parcerias humanas em que, cada vez mais fragmentados, descompromissados e fluidos, os relacionamentos são, muitas vezes, vistos sob a ótica da leveza e da liberdade individual, o que de certa forma, mascaram determinadas posturas adotadas sob a condição dessa suposta liberdade. Por outro lado, essa nova realidade traz consigo manifestações sintomáticas características: solidão, depressão, isolamento e carência figuram nesse campo como as mais frequentes sensações dessa individualidade moderna.

Além disso, a Revolução Cultural do século XX imprimiu sua marca em um contexto global, através de mudanças significativas, cujo impacto reside no caráter popular e democrático, próprios da cultura. Essa revolução causou uma grande mudança social, mas acabou também por gerar deslocamentos culturais cujos efeitos podem ser os de uma homogeneização cultural, capaz de tornar o mundo um lugar único, no dizer de Paul du Gay (1994 apud HALL, 2011, p. 2):

[...] a nova mídia eletrônica não apenas possibilita a expansão das relações sociais pelo tempo e espaço, como também aprofunda a interconexão global, anulando a distância entre as pessoas e os lugares, lançando-as em um contato intenso e imediato entre si, em um “presente” perpétuo, onde o que ocorre em um lugar pode estar ocorrendo em outra parte [...]. Isto não significa que as pessoas não tenham mais uma vida local – que não mais estejam situadas contextualmente no tempo e no espaço. Significa apenas que a

vida local é inerentemente deslocada – que o local não tem mais uma identidade “objetiva” fora de sua relação com o global.

Com base nessas considerações, vimos que a cultura nos dias de hoje é uma questão substantiva que afeta os modos de vida, ou seja, está presente em todas as instituições, em qualquer momento histórico nas relações sociais. Isso confere à cultura um importante papel no que tange à estrutura e à organização da sociedade moderna tardia, aos processos de desenvolvimento do meio ambiente e à disposição de seus recursos econômicos e materiais. Ao penetrar em todos os espaços da vida social contemporânea, a cultura acaba por interferir significativamente na formação da identidade, revolucionando a vida das comunidades em toda sua inteireza e singularidades.

Desse modo, a cultura também é uma questão epistemológica por ser hoje “uma questão constitutiva da vida social, ao invés de uma variável dependente [...]” (HALL, 1997, p. 8). Essa “virada cultural” logrou um interesse pela linguagem como constituinte do significado em relação à realidade, não separando fatos naturais de fenômenos discursivos. Marx (apud HALL, 2005), já dizia que essa compreensão da linguagem de que a ação e o comportamento humanos eram guiados e informados pelos modelos culturais era o que distinguia a ação humana da animal. A ênfase dada à linguagem e ao significado tem rompido a fronteira entre o social e o psíquico, revelando que os significados são subjetivamente válidos e margeiam todas as práticas sociais, constituindo as subjetividades e a identidade do homem enquanto ator social, por meio da cultura, constituída pelos sistemas semióticos e por eles acessada.

As concepções de sujeito, de contemporaneidade e de cultura tratados nesse item encontram eco na concepção de linguagem bakhtiniana, da qual trataremos a seguir e cujo principal pilar de sustentação é a teoria dialógica da linguagem. Dessa forma, discutiremos a linguagem como prática social, as noções de significação e valoração da palavra como signo social, atravessada por valores advindos das vozes sociais e como a linguagem reflete e refrata a realidade.

4 Considerações finais

Neste artigo, discorreremos sobre as categorias de sentido e valor atribuídos aos verbos ficar e namorar em enunciados produzidos por vestibulandos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Com relação às formas de manifestação desses sentidos, o texto de Voloshinov (1995) nos coloca no foco central dessa discussão, o que nos dá uma real dimensão dessa problemática manifesta no pensamento dos autores do Círculo de Bakhtin.

Diante dessa perspectiva, verificamos que os sentidos atribuídos aos enunciados propostos são atravessados por valores construídos socialmente, o que leva a crer que a palavra é significada e ressignificada no eterno discurso do já-dito e valorada por vozes sociais presentes na história de vida dos sujeitos nela envolvidos, numa perspectiva dialógica semiotizada num mundo de relações fluidas e complexas, em que as relações sociais cada vez mais se fragmentam e, passam de instituições concretas, cristalizadas socialmente e ideologicamente, através da história da humanidade a relações móveis, não acabadas e numa constante reinvenção desses novos modelos.

Consequentemente, este trabalho, numa visão de lingüística aplicada, nos faz refletir, com base num trabalho sobre a construção dos sentidos, dos verbos “ficar” e “namorar”, que sentidos e valores “ficar e namorar” assumem hoje nos textos em análise e que vozes se fazem ressoar nessas práticas discursivas produzidas em espaços e situações específicas em que os sujeitos

estão envolvidos em um cronotopo específico qual seja o de um vestibular, cuja análise se dá sob o olhar da teoria dialógica dos autores do Círculo de Bakhtin.

Referências bibliográficas

- BAKHTIN, Mikhail. (VOLOCHÍNOV). *Marxismo e filosofia da linguagem*. Trad. de Michel Lhud e Yara Frateschi. São Paulo: Hucitec, 2009.
- BAKHTIN, Mikhail. *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010a.
- BAKHTIN, Mikhail. *Problemas da poética de Dostoiévski*. Trad. de Paulo Bezerra. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010b.
- BAKHTIN, Mikhail. *Questões de literatura e de estética: a teoria do romance*. Trad. Aurora Fornoni Bernardini, José Pereira Júnior, Augusto Góes Júnior, Helena Srpryndis Nazário e Homero Freitas de Andrade. 6. ed. São Paulo: Hucitec Editora, 2010c.
- BAUMAN, Z. *Globalização: as consequências humanas*. Tradução: Marcus Penchel. Rio de Janeiro: Jorje Zahar Editor, 1999.
- BAUMAN, Z. *Modernidade líquida*. Rio de Janeiro: Jorje Zahar Editor, 2001.
- BAUMAN, Z. *Amor líquido*. Rio de Janeiro: Jorje Zahar Editor, 2004.
- BODGAN; BIKLEN, S. *Investigação qualitativa em Educação*. Porto: Porto, 1994. p. 125-193.
- FARACO, C. A. *Linguagem e diálogo: as idéias lingüísticas do círculo de Bakhtin*. São Paulo: Parábola, 2009.
- FARACO, C. A; TEZZA, C; CASTRO, G. de. *Diálogos com Bakhtin*. Curitiba: Editora da UFPR. 1996.
- FABRÍCIO, B. F. Linguística Aplicada como espaço de desaprendizagem: redescrições em curso. In: Moita Lopes, L. P. (Org.) *Por uma Linguística Aplicada Indisciplinar*. São Paulo: Parábola, 2006.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. *Novo Aurélio - Século XXI dicionário da língua portuguesa*. 4. ed. rev. amp. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2000.
- GEERTZ, Clifford. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1978.
- HALL, S. A. *centralidade da cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo*. Disponível em: educacaoonline.pro.br/index.php?option=com_content&view=article&id=117:a-centralidade-da-cultura-notas-sobre-as-revolucoes-culturais-do-nosso-tempo&catid=8:multiculturalismo&Itemid=19. Acesso em: 19/10/2011.
- HALL, S. A. *A identidade cultural na pós-modernidade*. Tradução: Tomás Tadeu da Silva, Guaracira Lopes Louro. 10. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.
- HALL, S. A. *Identidades Culturais na Pós-modernidade*. Rio de Janeiro: DP&A Editora, 1997.
- LEFFA, V. J. A Linguística Aplicada e seu compromisso com a sociedade. *Anais do VI CBLA*. Belo Horizonte, 2001.
- LEFFA, V. J. Linguística aplicada e vida contemporânea. Problematização dos construtos que têm orientado a pesquisa. In: MOITA LOPES, L. P. (Org.). *Por uma Linguística Indisciplinar*. São Paulo: Parábola Editorial, 2006.
- NÓBREGA, K. F. *A interpretação semântica dos auxiliares modais poder, precisar e dever: uma abordagem da semântica cognitiva*. Dissertação de Mestrado. Natal, 2007. 171p.
- OLIVEIRA, M. B. F. de. *Bakhtin e a cultura contemporânea: sinalizações para a pesquisa em LA*. Revista da ANPOLL. v. 13, p. 105-121. São Paulo, 2002.
- OLIVEIRA, M. B. F. de. *Contribuições do círculo de Bakhtin aos estudos da linguagem "hoje"*. Teresina: UFPI, 2010. (Palestra proferida no GELNE).

- OLIVEIRA, M. B. F. de. *A pesquisa nos estudos da linguagem: um olhar bakhtiniano*. Natal: UFRN, 2010. (Palestra proferida no III Seminário de Análise Textual dos Discursos).
- PIRES de OLIVEIRA, R. *Uma história de delimitações teóricas: trinta anos de semântica no Brasil*. Revista Delta. V. 15. São Paulo. 1999.
- PONZIO, A. *A revolução bakhtiniana*. São Paulo: Editora Contexto, 2008.
- POSSENTI, S. *Língua e discurso. Discurso, Estilo e Subjetividade*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.
- RODRIGUES, A. M. L. *Significado oracional e significado lexical na prova discursiva de inglês no vestibular da UFRN*. Dissertação de Mestrado. Natal, 2005. 148p.
- VOLOSHINOV. V. **Discurso na vida e na arte**. Tradução: C.A Faraco e Cristóvão Tezza. Disponível em: [www.linguagensdesenhadas.com/textos/Discurso na vida.pdf](http://www.linguagensdesenhadas.com/textos/Discurso_na_vida.pdf). Acesso em: 04/08/2011.
- VOLOSHINOV. V. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. São Paulo: Hucitec, 2010.